Proposta para Mesa Redonda

A ARTE IMITA A VIDA: REFLEXÕES SOBRE A PSICOPOLÍTICA DE HAN A PARTIR DO FILME "VOCÊ NÃO ESTAVA AQUI"

Eixo Temático: Transformações e precarização do trabalho

O presente proposta de Mesa Redonda busca refletir sobre conceito de psicopolítica tal qual proposto por Han (2018) na obra *Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder a partir* do filme *Você não estava aqui*, título original *Sorry we missed you*, do diretor Ken Loach, 2019. Em comum as obras literária e audiovisual apresentam, de modos teórico e artístico respectivamente, o impacto do capitalismo neoliberal na precarização do trabalho e, consequentemente, na saúde mental do trabalhador.

O termo psicopolítica é anterior à obra de Han, tendo sido mencionado por diferentes pensadores em diferentes abordagens, como Richards (1942) e Lebeau (1998). Já neste século, Stiegler (2008) cunhou o psicopoder que, assim como a psicopolítica em Han, reconheceu que a biopolítica de Foucault (2013) não era capaz de explicar os fenômenos do século 21. Contudo, Stiegler não considerou o papel central das mídias digitais no neoliberalismo.

Em Han, a psicopolítica se delineou com precisão, constituindo uma estrutura abrangente de ideologia e ação. No lugar da disciplina para forjar corpos dóceis, o neoliberalismo passou a se valer da colonização voluntária da psique humana, convertendo trabalhadores sem trabalho em empreendedores sem empreendimento. A ascensão da economia de plataforma, a crescente desregulamentação do trabalho e a narrativa de liberdade individual são alguns dos constituintes dessa arquitetura.

Você não estava aqui leva o espectador a ingressar na intimidade dos trabalhadores da economia de plataforma, um neologismo para a formalização da informalidade. Ricky, personagem principal, representa aqueles que diariamente batem às portas dos condomínios, fazendo a entrega do que se come, do que lê, do que se veste. Representa milhões de brasileiros que vivem na opacidade. Com o objeto do consumo acima do humano portador, a psicopolítica cumpre com sucesso sua empreitada.

Crise da liberdade

A liberdade sem mecanismos sociais de proteção conduziu a coerção, antes externa, para o locus interno. Em uma classe batizada de precariado, neologismo constituído por precarização e proletariado (Standing, 2020), a exploração deu lugar à autoexploração visto que tudo que se possui para comercializar é a própria força de trabalho. Dessa forma se instalou o que Han (2018) chamou de excesso de positividade, com a obsessão pela otimização ilimitada do próprio desempenho.

Em *Sociedade do cansaço*, Han (2014) afirmou: "o aumento excessivo de produção leva ao enfarte da alma". Em *Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*, relacionou os transtornos mentais e comportamentais, como a depressão e a síndrome de *burn out*, à autoexploração voluntária., e estão postos em números. Em uma civilização pautada pela performance, o impacto não poderia ser medido de outra forma que não financeira: em 2030, o custo mundial dos transtornos mentais e comportamentais deverá alcançar a casa dos US$ 6 trilhões, sendo cerca de 2/3 desse valor relacionados à evasão de recursos por dias de trabalho perdidos em decorrência de incapacidade laboral ou morte (Mnookin et al, 2016).

Esses aspectos foram retratados na obra de Loach, cuja filmografia classifica-se como política. *Você não estava aqui* se passa em 2018, na cidade de New Castle, Inglaterra, e narra a história do personagem Ricky Turner, a esposa Abby e os filhos Lisa, 11 anos, e Seb, 15 anos. Ainda sobre o impacto da crise econômica de 2008, Ricky não se estabelece em um emprego e não consegue retornar à construção civil, sua área original de atuação. É nesse contexto que surge uma oportunidade na *Parcels Delivered Fast* (PDF) – em tradução livre, Encomendas Entregues com Rapidez.

Já na cena de abertura, Ricky é entrevistado por Maloney, responsável por uma das operações da PDF, que apresenta as condições promissoras de integrar o negócio como entregador "franqueado". Maloney não é o proprietário, é o porta-voz da economia GIG, o elo entre acionistas invisíveis e precariado invisibilizado. É o responsável por apresentar a ideologia do "você não trabalha pra gente, trabalha com a gente". Apesar da brutalidade que exerce no desdobramento do filme, tem também sua subjetividade sequestrada, constituindo uma peça na engrenagem da psicopolítica.

A promessa é de liberdade e autonomia – "Você será o senhor do próprio destino", afirma o representante da corporação. E segue com a narrativa: "Você não é contratado, é posto a bordo"; "Você não dirige pra gente, presta serviço", "Você não bate ponto, se coloca à disposição"; "Não há contrato e não há metas, você alcança o Padrão de

Entrega"; "Não há salários, há honorários". O discurso sustenta a teoria de Han (2018), quando afirma que "a passagem do sujeito ao projeto é acompanhada pelo sentimento de liberdade". É da exploração da liberdade que se alimenta a psicopolítica, visto que o capital se multiplica à medida que o sujeito se relaciona consigo mesmo na condição de capital. E, ainda mais, à medida que compete livremente com seus pares.

Dialética do sujeito servo-senhor

Em contraponto à dialética do senhor e do escravo de Hegel (2013), na qual há explorador e explorado, na psicopolítica de Han ambos estão contidos no próprio sujeito que é servo-senhor, um solitário detentor dos próprios meios de produção. Dominado pela ditadura do capital vive a autoexploração e, diante da ausência da hierarquia de classes, destina sua agressividade contra si. Para o autor estaria aí um dos fatores para a escalada de transtornos mentais e comportamentais, como a depressão e a síndrome de *burn out*.

O filme é uma costura de falácias do sistema, como o endividamento disfarçado de investimento. Para trabalhar Ricky precisa alugar ou comprar uma van. A escolha parece ser do motorista, porém não há escolha. Caso opte por alugar, precisará desembolsar 2.000 libras por mês, contra 400 libras do financiamento. Abby é coagida pelo marido a vender seu carro, o único bem da família, para que se cumpra o depósito da transação. "Em dois anos compraremos uma casa", argumenta Ricky. Cuidadora autônoma de idosos, ela é diretamente afetada pelo modelo de negócio da PDF, pois passa a se locomover da casa de um paciente a outro, sob rígido controle de horário pelo empregador, por transporte público.

A cena do primeiro dia efetivo de trabalho remete à produção industrial, na qual motoristas movem carrinhos repletos de encomendas em direção ao bagageiro das vans, sob gritos do supervisor. São os operários informais da economia de plataforma, sem direitos trabalhistas, mas uniformizados e disciplinados integrantes da linha de montagem. Antes de iniciar as entregas, Ricky recebe um *scanner* que Maloney chama de "coração do depósito". Mais tarde, o equipamento se revelará uma panóptico, controlando todos os seus movimentos, que culminarão com o uso de uma garrafa plástica para urinar para não perder tempo e manter o "padrão de entrega".

O filme segue com a integração de Ricky à rotina de 14 horas de trabalho por dia, 6 dias por semana, e o crescente distanciamento da promessa de autonomia e remuneração competitiva. No lugar, crescem os conflitos com a mulher e os filhos e a degradação da

saúde física e mental do protagonista. “Você não estava aqui” é a frase impressa no cartão deixado pelo entregador quando não há ninguém em casa para receber uma encomenda. Revela também o estado do protagonista, cada vez mais ausente da família e de si mesmo.

Esse recorte reitera a atualidade do pensamento de Bauman (2007) que definiu esta como a era do caçador. Enquanto metáfora, representa a vida resumida a uma caça ininterrupta para que o caçador não se torne redundante. Caçar é uma utopia sem fim, não oferece significado para a vida, só ajuda a afugentar da mente as questões relativas a sentido e propósito. E é preciso caçar ininterruptamente, para não se tornar redundante, não se tornar caça. O tempo dos caçadores é o tempo da individualização, da solidão, do isolamento. Esse pensamento de Bauman ganha uma nova camada com Han, com a delineação de que há uma força maior que os desejos e decisões do indivíduo operando nessa direção.

Com pai e mãe exaustos, o adolescente Seb passa a adotar um comportamento de risco, com distanciamento da escola e pequenas contravenções. O pai se preocupa com o futuro do menino que afirma não querer ir para a universidade já que depois acabará trabalhando em um *call center* ou dirigindo uma van branca. Na mesma cena Ricky divide com a mulher a preocupação de que sejam multados pelo Estado devido à ausência do filho nas aulas. Esse mesmo Estado que não aceita crianças fora da escola viabiliza a precarização do trabalho de seus pais, favorecendo a formação de uma geração de desesperançosos.

Poder inteligente

A psicopolítica de Han introduz o poder inteligente, onipresente e invisível. Nele, o capital é o senhor dos senhores e, servindo aos seus interesses, liberdade e comunicação ilimitadas oportunizam tudo. Dada a inteligência neoliberal, o sujeito se submete de modo inconsciente a total monitoramento e controle. Com isso, são inúmeros os preços pagos, da privação da autonomia e do pertencimento - necessidades psicológicas básicas (Ryan & Deci, 2000), ao profundo sofrimento psíquico.

A violência sutil desse sistema ganha corporeidade na cena em que o protagonista é assaltado e espancado. Roubam-lhe mercadorias, chutam seu corpo e despejam sobre ele a própria urina depositada na garrafa plástica jogada no bagageiro. Não é um empreendedor que vai ao chão, é um cidadão do Estado mínimo. Horas mais tarde, enquanto aguarda por atendimento médico, é informado pelo supervisor que deverá pagar

500 libras por dois passaportes roubados não cobertos pelo seguro, além de mil libras pelo "coração do depósito", o *scanner* pessoal, destruído pelos marginais.

Ao se afastar do trabalho, o precariado não apenas deixa de receber, mas passa a constituir dívida. Trata-se do primeiro grupo na história a perder direitos civis, sociais, culturais, políticos e econômicos (Standing, 2020). A dívida com o financiamento da van e o assalto e as perdas com cada dia de convalescência fazem com que Ricky vista a camisa da PDF e saia de casa antes mesmo que alguém acorde. Machucado e com dor, prepara-se para manobrar o veículo quando surge seu filho, seguido de sua mulher. Abby e as crianças tentam parar a van com as próprias mãos – impossível não enxergar o embate entre família x neoliberalismo. O esforço é em vão. Subsumido, na cena final ele dirige para o trabalho.

Psicopolítica como dispositivo neoliberal

Refletir sobre a atual precarização do trabalho demanda que se dê alguns passos em direção ao passado para se compreender que, um dia, o trabalho consistiu na relação de troca entre homem e natureza com o objetivo de satisfazer necessidades – o chamado valor de uso. Foi com o capitalismo que o trabalho passou a ser direcionado à criação de mais valia. A partir daí ser humano e trabalho não só se separaram como também passaram a se estranhar. Nesse contexto, o trabalhador se tornou uma peça a serviço da rentabilidade e a força de trabalho converteu-se em mercadoria (Marx, 1985).

Com a ascensão do neoliberalismo, há cerca de quatro décadas, com os governos de Margaret Thatcher, no Reino Unido, e Ronald Reagan, o sistema econômico capitalista constituiu uma ideologia que vê a competição como umas das mais relevantes características das relações humanas, redefine cidadãos como consumidores e instala um processo que recompensa o mérito e pune a ineficiência (Monbiot, 2016). Faz tudo isso não com a força, mas com a participação submissa e inconsciente dos sujeitos.

A psicopolítica, enquanto dispositivo do capitalismo neoliberal, sequestra a psique por meio da positividade e da sedução. De um lado a ideologia do "tudo é possível", do "trabalhe enquanto eles dormem", da meritocracia como valor máximo. Do outro, a moeda do "curtir", que faz com que o sujeito comunique exaustivamente, alienado da condição de produto e não de cliente das redes sociais. A psicopolítica de Han mostra que a ideologia neoliberal vai muito além da política econômica e das condições materiais e reformula o sujeito e a vida psicológica e, portanto, sua subjetividade.

Um dos marcos dos tempos atuais é a expansão da economia de plataforma. Capitalistas criam soluções de economia compartilhada com capacidade de disseminação global, eximindo-se de quaisquer responsabilidades com trabalhadores, consumidores e sociedade para ganhar até 1/3 do que é produzido. Nesse sistema, o Estado neoliberal tem papel preciso: a desregulamentação dos negócios de plataforma somada à flexibilização das leis trabalhistas.

Esse modelo prolifera, dando corpo ao que se convencionou chamar de "uberização do trabalho". A expansão de empresas que oferecem serviços "uberizados" fortalece a manutenção do modelo e o aumento do contingente de trabalhadores que aderem a ele e isso se intensifica em um quadro econômico caracterizado pelo déficit de empregos formais. No caso do trabalho mediado pelos aplicativos são evidentes as características de precarização: ausência de vínculos, insegurança, incerteza, sujeição, individualismo, sequestro do tempo (Franco, Druck e Seligmann-Silva, 2010). Além disso, todos os custos e riscos são transferidos ao trabalhador que sofre, ainda, pressão por meio das avaliações dos usuários.

Com foco no crescimento do lucro, o preço do novo capitalismo é o adoecimento psíquico crescente, evidenciado por epidemias de depressão, transtorno de ansiedade, Síndrome de *Burn Out* e suicídio. Estado, iniciativa privada, trabalhadores e consumidores estão intrincados nesse círculo vicioso. Como romper com isso? Gaulejac defende a reintrodução da reflexão (2016).

Considerações Finais

Há forte dissonância entre o que define o 8º Objetivo do Desenvolvimento Sustentável preconizado pela Organização das Nações Unidas para alcance em 2030 – que é Trabalho Decente e Desenvolvimento Econômico – e a pujante economia de plataforma. Se de um lado apresenta-se a narrativa da promoção do emprego pleno e decente para todos, do outro avança o desmonte de décadas de construção dos direitos trabalhistas. O trabalho, enquanto meio de vida, mata simbólica e efetivamente, como ilustra o filme Você não estava aqui.

A psicopolítica de Han mostra que o trabalhador, no filme representado pela personagem por Ricky, não está no exercício de sua liberdade, tornou-se compulsivo e não há resistência para a própria compulsão. Assim, o sujeito perpetua seu sofrimento.

Para Gaujelac (2007), não há remédio de dose única para o enfrentamento, são necessárias doses homeopáticas para que sujeito e sistema enxerguem a si mesmos.

No filme, o scanner, apelidado de "coração do depósito", é uma combinação perversa do panóptico de Jeremy Bentham – que tudo vê e controla, ao banóptico de Zygmunt Bauman – que expurga tudo que não responde conforme esperado. Constitui um equipamento pessoal de vigilância. Contudo, não são apenas os trabalhadores da economia de plataforma que estão submetidos a isso: as redes sociais premiam os que prestam contas do que fazem e punem os que se abstêm. Para se manter relevante, o sujeito exausto precisa produzir conteúdo vigoroso.

Diferente de assistir ao filme, no caso da psicopolítica não se é apenas espectador porque ela atravessa todos que produzem, premiando-os, e todos que não produzem, penalizando-os. Ela está presente no discurso meritocrático, na retórica de propósito e legado, no troféu do sucesso, no selo de verificação das redes sociais. Ela forja subjetividades, fazendo com que boa parte do adoecimento psíquico pareça uma experiência pessoal e não, social.

Referências Bibliográficas

Antunes, R. (2018). O Privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. *São Paulo: Boitempo.*

Bauman, Z. (2007). Tempos líquidos. *Rio de Janeiro: Jorge Zahar*.

Foucault. M. (2013). Vigiar e Punir. Portugal: Vozes.

Franco, T., Druck, G. & Seligmann-Silva, E. (2010). As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, 35(122), 229-248.

Gaulejac, V. Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. São Paulo: Ideias e Letras, 2007.

Han, B. C. (2018). Psicopolítica: O Neoliberalismo e As Novas Técnicas do Poder. *Belo Horizonte: Veneza*.

Han, B. C. (2014). Sociedade do Cansaço. *Portugal: Relógio D'Água*.

Hegel, G.W.F. (2013). Fenomenologia do Espírito. *Petrópolis: Ed. Vozes*.

Lebeau, V. (1998). Psychopolitics: Fanon's Black Skin, White Masks em Campbell, J. & Harbord, L., Psycho-politics and Cultural Desires. Londres: UCL Press.

Marx, K. (1985). O Capital. São Paulo: Abril Cultural.

Monbiot, G. (2016). How Did We Get Into This Mess? *Londres: Verso*.

Mnookin, S.; World Bank Group; World Health Organization (2016). Out of the Shadows: Making Mental Health a Global Development Priority.

International Labour Office (2021). World Employment and Social Outlook 2021: The Role of Digital Labour Platforms In Transforming the World of Work. *Geneva: ILO*.

Richards, I. A. (1942). Psychopolitics: A Distinguished Scholar Proposes a New Study – And a Name For It – More Pertinent To Our Problem Than Geopolitics. Fortune 26, 108-109.

Ryan, R. M. & Deci, E. L. (2000). Self-Determination Theory and the Facilitation of Intrinsic Motivation, Social Development, and Well-Being. American Psychologist, 55 (1), 68-78.

Standing, G. (2020). O Precariado: A Nova Classe Perigosa. Belo Horizonte: Autêntica.

Stiegler, B. (2008). Biopower, Psychopower and the Logic of the Scapegoat. Conferência apresentada em 'The Philosophy of Technology: A Colloquium with Bernard Stiegler', Manchester Metropolitan University, 8 de março. Disponível em: http://www.arsindustrialis.org/node/2924 (consultado Novembro em 2020).

The Lancet Global Health (2020). Editorial: Global Health matters. Volume 8, Issue 11, Page e1352, ISSN 2214-109X https://doi.org/10.1016/S2214-109X(20)30432-0